



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e  
Crítica Literária da PUC-SP**

**nº 31 – dezembro de 2023**

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2023i31p5-25>

**A representatividade de mulheres negras na literatura brasileira: uma  
leitura de cordéis de Jarid Arraes**

**The representation of black women in Brazilian literature: a reading  
of Jarid Arraes cordel**

Jordânia Dantas Freire\*  
Naelza de Araújo Wanderley\*\*

**RESUMO**

Este estudo tem como objetivo analisar dois cordéis, integrados na obra *Heroínas negras brasileiras 15 cordéis*, da autora Jarid Arraes, que trazem um contra-discurso aos papéis inferiores dados a duas mulheres negras na literatura brasileira, a saber, Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis. Nessa obra, Arraes (2020) desconstrói, por meio de 15 cordéis, algumas representações estereotipadas a que foram associadas as mulheres na literatura, recorrendo ao viés do protagonismo feminino negro. A perspectiva de análise desta pesquisa foi conduzida com base na teoria da interseccionalidade proposta por Collins e Bilge (2020), e essa fundamentação teórica é apoiada em reflexões propostas por Zolin (2009), Evaristo (2005), Perrot (2007), dentre outros. Mediante o valor artístico, social e literário que a respectiva obra apresenta, concluímos que ela pode provocar reflexões importantes sobre o apagamento e silenciamento de mulheres negras na literatura, sobretudo no âmbito escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita de mulheres; Representação; Heroínas negras; Protagonismo; Jarid Arraes

**ABSTRACT**

This paper aims at analyzing two cordel literary pieces cordels, integrated in the work *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, by author Jarid Arraes, which brings a counter-discourse with regard to the inferior roles given to two black women in Brazilian literature, namely Carolina Maria de Jesus and Maria Firmina dos Reis. In this paper, Arraes (2021) deconstructs, through 15 “cordels”, some stereotyped representations that were associated to women in literature, using the bias of black female protagonism. The analysis perspective of this research was based on the theory of intersectionality proposed by Collins and Bilge (2020), whereas the theoretical foundation was built from reflections

---

\* Universidade Federal da Paraíba – UFCG; Programa de Pós Graduação em Linguagem e Ensino – Campina Grande – PB – Brasil – [jordania.dantas@estudante.ufcg.edu.br](mailto:jordania.dantas@estudante.ufcg.edu.br)

\*\* Universidade Federal da Paraíba – UFCG; Programa de Pós Graduação em Linguagem e Ensino – Campina Grande – PB – Brasil – [naelzanobrega@gmail.com](mailto:naelzanobrega@gmail.com)



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e  
Crítica Literária da PUC-SP**

**nº 31 – dezembro de 2023**

proposed by Zolin (2009), Evaristo (2005), Perrot (2007), among others. Through artistic, social and literary value that the mentioned work presents, our conclusion is that it can provoke important reflections on the erasure and silencing of black women in literature, especially in the school environment.

**KEYWORDS:** Women's writing; Representation; Black heroines; Protagonism; Jarid Arraes

## **Introdução**

No cenário da literatura brasileira, tanto no aspecto da produção e autoria como na regulamentação de uma crítica que elege a qualidade estética das produções literárias, tem-se a presença majoritária de homens. Tal fator não sinaliza, no entanto, que as mulheres escreveram ou publicaram literatura de menor qualidade, mas que essa produção esteve, durante muito tempo, negligenciada e vitimada por fatores de ordem histórica e cultural, que conferia valor inferior às produções de autoria feminina.

Como vítimas do dizer de outros, representadas por pessoas que falaram em seus nomes, as mulheres, principalmente as negras, foram retratadas na literatura brasileira, durante muito tempo, a partir de um olhar masculino, branco e europeu, que pouco refletia as suas vivências e os seus anseios. Apenas recentemente as mulheres negras deixaram de ser objeto do discurso de outro para compor e legitimar uma escrita de si, descrevendo, por meio da escrita, as suas “escrevivências”<sup>1</sup>.

Dessa forma, este estudo tem como ponto de partida o debate sobre algumas práticas dominantes que contribuíram para o silenciamento e apagamento de uma escrita de autoria feminina na literatura, sobretudo a partir de pesquisas que colaboram para pensar as insurgências de uma literatura afro-brasileira. Para tanto, serão analisados dois cordéis, da escritora contemporânea Jarid Arraes (2020), que contribuem para desmistificar narrativas homogeneizantes e estereotipadas sobre mulheres negras, legitimando a voz e as representações das identidades dessas mulheres por meio do sentimento de orgulho e pertencimento afrodescendente.

### **1 A escrita de autoria feminina: entre estereótipos e enfrentamentos**

Antes de propriamente discutir sobre alguns fatores que contribuíram para dificultar a escrita de autoria feminina e a conseqüente inviabilização da participação de mulheres negras no espaço da literatura brasileira, torna-se válido refletir sobre as especificidades enunciativas dessa escrita denominada feminina. Existe, para Branco (1991), uma diferença própria entre a chamada escrita feminina e a produção de autoria feminina. No primeiro caso, a expressão consistiria em certo tipo de escrita relativa às

---

<sup>1</sup> Escrevivência - termo criado por Conceição Evaristo para designar um discurso literário marcado pelo lugar social e cultural em que as escritoras negras se afirmam na escrita para enunciar as suas vivências como mulheres negras.

mulheres, independentemente de ser produzida propriamente por mulheres ou homens, mas, por haver alguns traços peculiares de “mulheridade” na produção, o texto seria direcionado para uma voz ou para um olhar de mulher. Já os textos de autoria feminina, produzidos excepcionalmente por mulheres, seriam fortemente distinguidos dos demais, não apenas por retratar temas específicos, mas por “[...] possuírem um tom, uma dicção, um ritmo, uma respiração próprios” (Branco, 1991, p. 13).

Em artigo publicado por Conceição Evaristo, em 2009, intitulado “Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”, a autora corrobora as reflexões trazidas por Branco (1991) neste estudo. Ela defende que o texto, como produção comunicativa elaborada por um sujeito (homem ou mulher), cria, não de maneira espontânea, um ponto de vista. Esse ponto de vista seria elaborado e incorporado à produção com base nas subjetividades e nas vivências do próprio sujeito que produz o texto, imprimindo na escrita marcas de um “eu”.

Evaristo (2009) exemplifica o seu pensamento refletindo acerca de sua própria experiência como escritora: “[...] quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’, e por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’ vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta” (2009, p. 18). Como defende abertamente Evaristo (2009) em sua fala, a sua ficção demarca não apenas a plena autoria de uma mulher, que fala a partir de um ponto de vista feminino, como também reflete o lugar de um “corpo-mulher-negra em vivência” marcado por uma alteridade específica.

Evaristo (2009) defende a categoria étnico-racial como mais um demarcador específico presente na escrita de textos literários. Nesse caso, mesmo que as experiências de autoria feminina negra se assemelhem, em alguns pontos, com as situações vivenciadas por homens-negros-escritores na sociedade, haveria condições específicas em que somente mulheres negras se reconheceriam, pelo demarcante fator de gênero.

Do mesmo modo, a literatura de autoria feminina, notadamente escrita por mulheres brancas, mesmo que busque representar vivências de mulheres negras, não seria capaz de capturar toda a gama de opressões e exclusões que estão imbricadas nas vivências particulares de mulheres negras na sociedade. Isso porque, como é sabido, por razões de ordem histórica e cultural, as mulheres brancas sempre ocuparam uma posição de prestígio em detrimento de mulheres não brancas na sociedade. Collins e Bilge (2020) analisam esse conjunto de opressões enfrentadas pelas mulheres negras a partir de uma ferramenta nomeada interseccionalidade. Segundo as autoras,

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade [...]. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente [...] (2020, p. 16).

Dessa forma, o referido termo foi cunhado pela feminista afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw, em 1989, e surge a partir de uma observação feita pela estudiosa de que as mulheres negras são atingidas por diferentes mecanismos de dominação e opressão ao longo da vida. Segundo Akotirene (2023), essa ferramenta analítica “[...] permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias” (p. 19) que se entrecruzam e não podem ser analisadas isoladamente. No caso das mulheres negras, que é o nosso terreno fértil de análise, as relações de poder envolvendo raça, classe e gênero estão imbricadas.

Torna-se importante reiterar que a experiência de escrita obviamente não se estendia a todas as mulheres, tendo em vista que aquelas mulheres que pertenciam a classes sociais mais baixas não tinham acesso à instrução nem ao lazer. A condição de mulheres sendo exclusivamente donas de casa era uma realidade apenas de mulheres da burguesia, em geral, mulheres brancas, que podiam recorrer a professores particulares e aos salões literários para aumentar a erudição.

Com as transformações crescentes que se impunham no século XIX, sobretudo com a chegada de movimentos sociais, como o movimento feminista, um número expressivo de mulheres começa a publicar. No entanto, mesmo entre aquelas mulheres que conseguiram publicar no século XIX, no Brasil, há muitas que não foram reconhecidas ou mencionadas pela crítica, mesmo sendo autoras de grandes obras com distinta qualidade estética.

Nessa ótica, sendo o cânone regulado por ideologia predominantemente masculina, o valor estético da literatura canônica não residia no próprio texto, mas estava calcado em valores construídos e legitimados pela cultura patriarcal. Considerando a perspectiva historiográfica, há pouca menção sobre as mulheres negras escritoras. Nesse aspecto, Maria Firmina dos Reis se apresenta como percussora dessa ancestralidade, sendo a primeira mulher negra a ocupar o espaço de escritora de um romance abolicionista no país, ainda no século XIX. A presença de Maria Firmina dos Reis na literatura brasileira se torna dissonante por três motivos básicos: primeiro, por se tratar de uma mulher que

consegue publicar no século XIX, ainda que sob pseudônimo; em segundo lugar, por ela trazer uma representação autenticamente negra para a literatura; e terceiro, por se tratar de uma mulher negra que escreveu, sob o ponto de vista feminino negro, um romance que não só expõe situações ligadas à escravidão, como também traz uma representatividade positiva de personagens negros.

Na época em que Maria Firmina publica *Úrsula*, a ideia recorrente é que a instrução não corresponde ao universo das mulheres e nem ao seu papel social. Excluídas dos espaços de saber, as mulheres deveriam ser educadas com os valores da ordem patriarcal vigente. “Esse discurso que naturalizou o feminino, colocou-o além ou aquém da cultura. Por esse mesmo caminho, a criação foi definida como prerrogativa dos homens, cabendo às mulheres apenas a reprodução da espécie e sua nutrição” (Telles, 2004, p. 337). Para que as mulheres seguissem essas prerrogativas, era incutida a ideia de que elas deveriam preservar “bons hábitos” de conduta que respeitassem as virtudes do feminino, como a obediência, o recato e a passividade.

Nesse contexto de exceção, mesmo sendo excluída de papéis de valorização, Maria Firmina dos Reis marcou não só a literatura com obras em defesa da mulher e dos negros, como também se destacou como professora e fundadora de uma escola, demonstrando a clara preocupação que tinha com a garantia de educação formal para as mulheres. Sobre o primeiro aspecto, na próxima seção nos deteremos a traçar um panorama geral de como os negros, especificamente as mulheres negras, foram representados e passaram a representar a si mesmos na literatura brasileira.

## **2 De objeto do discurso a sujeitos do dizer**

O cânone literário, formado em maioria por homens brancos e letrados, cria, não de maneira espontânea, um sistema de poder que representa os interesses da classe dominante. Nessa medida, a literatura surge, inicialmente, como espaço privilegiado do saber, que contribui historicamente para a “[...] produção e reprodução simbólica de sentidos [dominantes]” (Evaristo, 2005, p. 52). No âmbito da formação da literatura brasileira, essa visão foi regulada normalmente por homens brancos e europeus, que contribuíram para criar uma narrativa homogeneizante de pensamentos veiculados a uma visão histórica determinada. Sobre esse aspecto, Zolin (2009) afirma que

No âmbito da arte literária, até meados do século passado, os discursos dominantes vinham circunscrevendo espaços privilegiados de expressão e, conseqüentemente, silenciando as produções ditas ‘menores’, provenientes de segmentos sociais ‘desautorizados’, como as das minorias e dos/as marginalizados/as (p. 2).

Partindo desse pressuposto, é curioso observar como a figura do negro esteve veiculada a uma imagem de objetificação na literatura brasileira. De acordo com Evaristo (2005), um olhar mais atento para a literatura brasileira nos revela a imagem deturpada que as mulheres negras ocuparam nos textos literários, “[...] ancoradas nas imagens de seu passado escravo, de corpo-apropriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor” (p. 52).

Associada a essa visão estereotipada de escritores que escreveram em seus nomes, convém ressaltar que muitos deles não consideravam sequer os negros como seres humanos, de modo que algumas correntes do século XIX e alguns movimentos literários da época contribuíram para alimentar esse olhar hierarquizante de inferioridade e desigualdade. No entanto, em 1978, surge um movimento na literatura brasileira que passa a evidenciar a escrita de autoria afrodescendente como um “[...] resgate da história não oficial dos escravizados” (Duarte, 2010, p. 114). De acordo com o autor, a publicação da série literária “Cadernos Negros – também conhecida como “Quilombhoje” – contribuiu em grande medida para estabilizar o conceito de literatura negra, cujas produções reúnem escritores que retratam a si mesmos e evidenciam o tema da negritude como símbolo de orgulho e pertencimento afrodescendente.

No âmbito da literatura assumidamente afrodescendente, podemos citar como exemplo desse projeto literário a literatura produzida por Conceição Evaristo na contemporaneidade. Nos livros da autora, é comum se deparar com narrativas em que a voz de mulheres negras assume um caráter narrativo de protagonismo. Não obstante, a maioria dessas protagonistas não só apresentam visões verossimilhantes de como é viver no corpo de mulher negra, como também demonstram, em alguns casos, estratégias de resistência diante desses contextos de opressões em que os seus corpos estão inseridos.

Nessa mesma perspectiva, Carolina Maria de Jesus estreia na literatura brasileira com um projeto literário que retrata, por meio de experiências pessoais, a condição de vida de ser mulher negra, mãe solo e favelada. Na década de 1960, Carolina Maria de Jesus publica a sua obra-prima, *Quarto de despejo*, que conferiu a ela o estatuto de escritora contemporânea. Cabe enfatizar que alguns editores e críticos, ainda na

atualidade, demonstram ter um desejo efervescente de alterar a obra da autora, convencendo-a aos regimes formais da escrita.

Nessa perspectiva, Carolina Maria de Jesus é fortemente atravessada por um conjunto de opressões que excluem mutuamente a autora de ocupar lugar de prestígio na sociedade. Além do fator de gênero, trata-se de escritora negra, pobre, que rompe com os ideais de aceitação dos escritores brancos e de classe média/alta que sempre escreveram.

Portanto, o projeto literário de Carolina Maria de Jesus se apresenta como resistência em dois sentidos: primeiro, pela particularidade de escrita que a autora apresenta, aproximando-a da oralidade, portanto, daqueles que são marginalizados socialmente por não terem acesso à norma culta da língua; em segundo lugar, a autora se destaca pelos temas que aborda em suas obras, retratando aspectos como a fome, a miséria, dentre outras questões particulares que envolvem classe, raça e gênero.

### **3 O lugar de Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus na literatura de cordel: uma análise a partir dos versos de Jarid Arraes**

No âmbito da produção cordelística no Brasil, o espaço que as mulheres ocuparam, ao longo da história, foi de pouca visibilidade. Essa constatação se confirma pelo tempo em que o primeiro cordel de autoria feminina foi publicado: somente depois de 70 anos de existência dessa literatura, uma mulher se arrisca a publicar.

Alves e Wanderley (2023) apontam que um dos obstáculos para a pouca participação das mulheres nessa esfera consiste no fato de que os autores, normalmente masculinos, “[...] viajavam por todo o país, com suas maletas de cordéis, declamando nas feiras, recitais, festas típicas e religiosas, vaquejadas [...]” (Alves; Wanderley, 2023, p. 13). Essa experiência, tão comum e necessária a quem produzia e vendia folhetos de cordel no século XX, não se estendia às mulheres, pois o confinamento feminino ao ambiente privado e a pouca participação na esfera pública continuava a impedir as mulheres de escrever.

Assim como em outros espaços de conhecimento e de poder, as autoras de literatura de cordel vêm ocupando novos espaços na contemporaneidade. Na esteira de novas publicações contemporâneas de autoria feminina, destacamos a produção empreendida por Jarid Arraes. É possível perceber, dentro do panorama literário de Jarid Arraes, uma tônica comum entre as suas produções, levando a considerar que estas fazem

parte de um projeto literário maior da autora, que se preocupa em superar os hiatos historiográficos em relação às mulheres negras e suas histórias.

Um claro exemplo dessa intenção está materializado na produção da obra *Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis*. Como o próprio título antecipa, contempla 15 cordéis, escritos por Jarid Arraes, que narram as histórias de 15 mulheres silenciadas pelo racismo, pela discriminação, mas que não ousaram sucumbir diante da discriminação imposta aos seus destinos. É por meio da Literatura de Cordel que Jarid Arraes abre espaço para que o seu público leitor conheça, por meio de versos, desde a primeira deputada negra do Brasil, à primeira mulher a publicar um romance abolicionista no país.

Uma vez que o cordel se trata de manifestação literária produzida sobretudo na região Nordeste, lugar onde a autora cresce sob a influência de pai e avô cordelistas, a opção dela por essa construção poética não é de causar espanto. Além disso, soma-se o fato de que essa literatura possui ampla tradição de narrar fatos históricos com alta habilidade expressiva, pautada na construção de versos e estrofes que dão ao leitor acesso a assuntos sérios de maneira ritmada e próxima da oralidade<sup>2</sup>.

No caso dos escritores contemporâneos, especialmente aqueles que vêm produzindo no Ceará, eles estão alicerçando obras que se equilibram “[...] entre a tradição e as demandas impostas pela contemporaneidade” (Haurélio, 2013, p. 97). Em se tratando de Jarid Arraes, a autora cearense conserva, em parte de sua obra, essa tradição do cordel, ao construir versos e estrofes enquadrados nas características desse gênero literário, que é geralmente construído em sextilhas e as rimas costumam acontecer entre o segundo, quarto e sexto versos. Em relação aos temas a que a autora se dedica, notamos que há recorrência a assuntos que dizem respeito às experiências particulares de mulheres negras, discutindo questões como o racismo, o preconceito e a misoginia presentes na sociedade brasileira.

Assim, a análise que será empreendida nesta seção será feita a partir de dois cordéis inseridos na coletânea *Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis*, que estão intitulados com os nomes de “Carolina Maria de Jesus” e “Maria Firmina dos Reis”. O cordel intitulado “Carolina Maria de Jesus” inicia-se dando ênfase aos dilemas e desafios

---

<sup>2</sup> Em entrevista concedida por Jarid Arraes, no ano de 2017, a autora fala sobre a sua intimidade com o gênero cordel e a influência paterna na construção inicial da diagramação de seus cordéis. Ela diz que a principal característica do cordel é ser acessível, não só por ser barato, mas principalmente por tornar temas complexos como os que ela debate “fluidos e interessantes” (Escaleira, 2017), por meio da rima e da melodia.

enfrentados pela escritora de *Quarto de despejo*, como mulher negra, para poder publicar e se tornar reconhecida pela sua produção literária no âmbito da literatura brasileira.

Essa é uma escritora  
Que já foi ignorada  
É durante a sua vida  
Foi também muito explorada  
Mas por muitos hoje em dia  
É com honras adorada.

Sua história verdadeira  
Começou em Sacramento  
Na rural comunidade  
Foi de Minas um rebento  
Era o ano de catorze  
Inda mil e novecentos.

Pouco tempo se passava  
Desde o fim da escravidão  
E, portanto, o que existia  
Era a dor da servidão  
O racismo dominava  
Espalhando humilhação (Arraes, 2020, p. 37).

Logo nos primeiros versos do cordel, o eu lírico enfatiza a existência de uma escritora que foi ignorada em determinado momento de sua carreira, mesmo sendo “por muitos, hoje em dia, com honras adorada”. O caráter denunciativo do cordel já se evidencia na primeira estrofe, quando se destaca que a autora foi vítima de exploração durante toda a sua vida.

Com isso, a narrativa dá indícios de alguns motivos que levaram Carolina Maria de Jesus ser ignorada e explorada, uma vez que o racismo dominava / espalhando humilhações. As informações dispostas no cordel, a respeito das dificuldades que a escritora enfrentou para publicar, são verdadeiras e podem ser confirmadas a partir de uma fala da própria autora: “Cansei de suplicar às editoras do país e pedi à editora Seleções [do Reader's Digest] nos Estados Unidos se queria publicar meus livros em troca de casa e comida e enviei uns manuscritos para eles ler. Devolveram-me...” (Jesus, 2014, p. 169).

De acordo com o discurso da autora, ela não encontrou a acolhida devida no espaço do mercado editorial brasileiro, precisando recorrer a uma editora de outro país e a um jornalista branco para tentar publicar, pois a sua condição de mulher negra, atravessada pelas inúmeras desigualdades de classe, aniquilava qualquer possibilidade de prestígio e voz em uma sociedade eminentemente machista, racista e patriarcal. “De

forma geral, neste país estruturalmente racista e machista, o protagonismo para se expressar, sem intermediário, foi invisibilizado, senão questionado e punido” (Jesus, 2020, p. 9).

Mais adiante, o eu lírico evidencia, no cordel, que a condição de mãe solo que Carolina Maria de Jesus enfrentou também foi vivenciada pela mãe da autora, cuja realidade ainda se presentifica na sociedade brasileira contemporânea, já que aproximadamente 11 milhões de mães criam os seus filhos sozinhas.

No ano de trinta e sete  
Carolina então mudou  
Para a capital, São Paulo  
Onde muito batalhou  
Construiu o seu barraco  
E ali se instalou  
Na favela Canindé  
Sua vida foi sofrida  
A maior luta diária  
Era a busca por comida  
[...]

O que mais ela gostava  
Era ler, era escrever  
Sendo maior passatempo  
E registro do viver  
Nas palavras mergulhava  
Para assim sobreviver (Arraes, 2020, p. 38).

Em uma das estrofes apresentadas anteriormente, o eu lírico cita pela primeira vez o nome de Carolina Maria de Jesus no cordel, trazendo informações contextuais nas estrofes posteriores sobre os passos iniciais da sua chegada na favela do Canindé. Para além dos demarcadores de raça e classe que já foram evidenciados no cordel, a autora enfrentava o dilema de ser mãe solo.

Nesse caso, a ferramenta da interseccionalidade nos permite analisar que a categoria de mãe solo também era um fator em evidência que oprimia a autora, uma vez que os seus filhos eram constantemente “os bodes expiatórios” da vizinhança por ela não ter marido, aspecto observado e descrito amargamente pela própria autora no decorrer do livro *Quarto de despejo*: “A minha porta atualmente é teatro. Todas as crianças jogam pedras, mas os meus filhos são os bodes expiatórios. Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz que elas. Elas tem marido” (Jesus, 2014, p. 13).

No entanto, mesmo diante de fatores excludentes que se sobrepunham à vida de Carolina na favela, o cordel evidencia a sua postura transgressiva diante dos padrões

sociais. Além de ser mãe solteira, ela teve filhos de pais diferentes, o que denota a liberdade sexual da autora como mulher, expressada também na sua recusa ao casamento. Na oitava estrofe, evidencia-se a atividade de escrevivência da autora, que “nas palavras mergulhava / para assim sobreviver”. Conforme esclarecemos em momento anterior, o conceito de escrevivência foi cunhado pela escritora Conceição Evaristo e aglutina as palavras escrever e vivência, objetivando esclarecer que a escrita de mulheres negras geralmente é marcada por experiências interseccionais de raça, classe e gênero, que fazem parte de uma vivência coletiva maior.

Dessa forma, ao narrar vivências da dura realidade que enfrentava como mulher negra, Carolina fala em nome de outras mulheres negras que enfrentam situações semelhantes no contexto das favelas brasileiras. Notamos ainda que, no aspecto de narrar escrevivências, a autora tinha a escrita e a literatura como válvulas de escape, como ela mesma afirma em entrevista: “Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia. Tem pessoas que, quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia o meu diário” (Jesus, 2014, p. 169). Destacamos a postura de resistência que Carolina Maria de Jesus tinha, mesmo diante das dificuldades do meio, usando a escrita como instrumento de luta e resistência contra os infortúnios que vivenciava na favela:

Pensem no quanto é grande o desejo de escrever, para que essas pessoas se submetam a isso – a fazer o que ‘não lhes cabe’, aquilo para o que ‘não foram talhadas’. Imaginem o constante desconforto de se querer escritor ou escritora, em um meio que lhe diz o tempo inteiro que isso é ‘muita pretensão’ (Dalcastagnè, 2012, p. 6).

Como provoca Dalcastagnè (2012), para além da escrita ter sido, ao longo tempo, espaço de poder ocupado por homens, no caso de Carolina há ainda a variante do meio onde ela estava inserida. O próprio espaço da favela, como lugar de marginalização da linguagem, era espaço que desafiava os padrões de escrita da época, que se concentrava majoritariamente nas grandes academias e em outros espaços literários hegemônicos. Mais adiante, no cordel, a narradora demonstra como a escrita era necessidade vital na vida Carolina, que tudo registrava em seu diário.

[...]  
‘Vou botar no meu diário’  
Carolina assim gritava  
O jornalista interessado

Foi saber o que rolava.

Foi o Quarto de despejo  
O primeiro publicado  
Um sucesso monstruoso  
Tão vendido e aclamado  
Carolina fez dinheiro  
Com o livro elogiado.

Sua obra era importante  
Pela vil realidade  
Que ali estava exposta  
Tal ferida da cidade  
A favela e a pobreza  
De Carolina a verdade  
(Arraes, 2020, p. 39- 40).

Na primeira produção de Carolina Maria de Jesus, como se pode notar, a autora usava o seu diário como mecanismo de desabafo, não deixando de ter o zelo e compromisso necessário com as palavras, pois já sonhava ser escritora, mesmo sabendo “que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura” (Jesus, 2014, p. 171). O “tipo de literatura” mencionado pela autora em entrevista não se trata de literatura de menor qualidade, mas corresponde a produções que põem em cena críticas sociais contundentes na voz daqueles que são marginalizados pelo cânone literário.

Depois de sair da favela, Carolina publicou o seu segundo livro, *Casa de alvenaria*. O livro narra a nova fase da vida da autora, depois do sucesso estrondoso de *Quarto de despejo*, que acabou sendo a única publicação de sucesso enquanto Carolina esteve viva. Esse esquecimento se constata no cordel e na biografia da autora logo após Carolina tentar publicar, no ano de 1963, mais dois livros, *Pedaços da fome* e *Provérbios*. Ainda na tentativa de ser reconhecida pelo seu trabalho como escritora, ela publica o livro *Diário de Bitita*, que só veio a ter reconhecimento póstumo. Dalcastagnè (2012) faz duas suposições sobre a falta de aceitação dos outros livros da autora: “[...] é como se a sociedade brasileira estivesse disposta a ouvir as agruras de sua vida, e só. Ou como se alguém como Carolina Maria de Jesus não coubesse mais do que escrever um diário, reservando-se o ‘fazer literatura’ àqueles que possuem legitimidade social para tanto” (p. 25).

Por fim, nos versos finais do cordel, o eu lírico convida o leitor a conhecer mais sobre a produção de Carolina Maria de Jesus, evidenciando não só a prosa, como também a produção de poemas e provérbios da autora.

Recomendo que pesquise  
Muito mais dessa escritora  
Que era mãe, era poeta  
Era forte inspiradora  
E ainda era artista  
Com talento de cantora.  
[...]

Por racismo e elitismo  
Pouco dela hoje se fala  
Mas tamanho preconceito  
Seu legado jamais cala  
É por isso que eu lembro  
E meu grito não entala. (Arraes, 2020, p. 41-42).

O eu lírico registra que o apagamento de Carolina Maria de Jesus ocorre motivado pelo racismo, elitismo e preconceito existentes, autorizando o que deve ou não deve ter valor na sociedade brasileira. Com relação aos aspectos formais dos folhetos que integram a obra *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, todos eles são compostos por sextilhas, seguindo o esquema rítmico tradicional dos cordéis, ABCBDB, com rimas entre os segundo, quarto e sexto versos. Ao longo da tradição dos folhetos nordestinos no Brasil, houve a criação de um padrão mais uniforme desse gênero, entre os finais do século XIX e os últimos anos da década de 1920, “[...] período no qual se definem as características fundamentais desta literatura, chegando-se a uma forma ‘canônica’” (Abreu, 1999, p. 73). Essa unidade rítmica que comparece na obra de Jarid Arraes é fruto de tradição nordestina, na qual garante certa regularidade na estrutura dos cordéis e apresenta coerência interna entre os seus elementos. Vejamos, a seguir, em mais um cordel de Arraes, como a autora agrupa em seus versos essa tradição “canônica” dos folhetos nordestinos.

Maria Firmina dos Reis  
De mulata foi chamada  
Mas renego esse termo  
Pra gente miscigenada  
Reconheço-a como negra  
Sendo assim bem nomeada.

Foi nascida em São Luís  
No estado Maranhão  
Dia onze de março  
No país, a escravidão  
Mil oitocentos e vinte e dois  
No Nordeste da nação.

Apesar do seu registro

De bastarda carimbada  
Sofreu muito preconceito  
Por não ser endinheirada  
E foi na dificuldade  
Que se fez iluminada (Arraes, 2020, p. 107).

O eu lírico já inicia o cordel, na primeira estrofe, com um tom de reivindicação, fazendo retificação a respeito da forma como Maria Firmina dos Reis é chamada. Tratada como mulata, esse termo carrega tom preconceituoso e racista, caracterizando a pessoa miscigenada de maneira animalesca. Para superar essa associação desdenhosa, o eu lírico / renega este termo / pra gente miscigenada e reconhece a escritora como negra, tornando-a assim / bem nomeada.

A seguir, informações biográficas sobre a autora vão sendo inseridas no cordel. O eu lírico ainda situa o leitor sobre o contexto histórico-social e econômico da autora, nascida no Nordeste brasileiro enquanto a escravidão ainda estava vigente no país. A condição de Maria Firmina como mulher negra, /bastarda carimbada/, sofreu ainda mais preconceito /por não ser endinheirada, denotando-se que a autora era atravessada por mais de uma categoria de opressão que a estigmatizava socialmente. Para ter uma vida melhor/, Maria Firmina encontrou, na educação, uma maneira de ascender socialmente.

Tinha assim vinte e cinco anos  
Quando ela foi aprovada  
Para vaga numa escola  
Onde muito dedicada  
Excelente professora  
Foi por todos registrada.  
[...]

De Úrsula chamou  
Seu romance publicado  
E na História brasileira  
O seu nome está gravado  
Como sendo a pioneira  
Desse gênero citado (Arraes, 2020, p. 108-109).

Nas estrofes acima destacadas, cabe evidenciar o fato de que Maria Firmina dos Reis exercia a profissão de professora e escritora entre o período de 1847 e 1881. Esse fato chama a atenção, sobretudo, porque “Ao longo do século XIX, reitera-se a afirmação de que a instrução é contrária tanto ao papel das mulheres quanto a sua natureza” (Perrot, 2007, p. 93). No entanto, no cordel, destaca-se a postura transgressiva e abolicionista da

autora, que fica refletida na sua produção, tornando-se a primeira romancista negra a publicar um romance no Brasil e a tratar sobre o tema abolicionista em suas obras.

Assim, o eu lírico vai, ao longo do cordel, evidenciando as dificuldades que a autora encontrou nesse contexto histórico, na condição de negra, pobre, nordestina e filha de escrava alforriada, na tentativa de romper com os estigmas e preconceitos para se tornar escritora.

A primeira romancista  
Que foi negra e nordestina  
Soube usar com esperteza  
O fulgor da sua sina  
Trabalhou suas palavras  
Mesmo sendo clandestina.

Até mesmo um pseudônimo  
Foi sua opção primeira  
Como uma ‘maranhense’  
Assinou sua trincheira.

Quando publicou seu livro  
Chegou mesmo a falar  
Que não tinha educação  
E o prestígio elementar  
De quem era branco e rico  
Podendo a tudo comprar (Arraes, 2020, p. 109-110).

Para poder publicar, como se esclarece em uma das estrofes anteriores, a autora precisou usar o pseudônimo de “Uma maranhense”, na tentativa de esconder a sua identidade como literata. No entanto, quando publicou *Úrsula*, mesmo diante do preconceito e da misoginia da época, a autora não deixou de se afirmar como mulher, criticando o espaço privilegiado que os homens ricos sempre ocuparam na sociedade. Dessa forma, ela deixa a seguinte mensagem no epílogo do livro: “Pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados” (Reis, 2018). Maria Firmina dos Reis critica, no fragmento citado, o desprestígio que a produção de autoria feminina enfrentava em relação às produções de autoria masculina.

O eu lírico continua evidenciando, no cordel, a postura ativista e engajada que Maria Firmina dos Reis tinha quando se tratava da educação de mulheres, reconhecendo o valor simbólico de exceção que ela própria representava no contexto histórico e social em que estava inserida.

Disse que era mulher  
E não foi pro exterior  
Mas assim ela escrevia  
E sabia o seu valor  
Dava à luz esse livro  
Com seu peito em ardor.

Aos cinquenta e oito anos  
Uma escola ela fundou  
Pra meninas e meninos  
Sendo mista começou  
Como escola gratuita  
Que pouquíssimo durou.

A polêmica foi tanta  
No pequeno povoado  
Que era em Maçaricó  
Guimarães regionado  
Durou menos de três anos  
E o portão já foi fechado (Arraes, 2020, p. 110).

Conforme o exposto nas estrofes anteriores, nota-se a atitude /forte e ativista/ de Maria Firmina dos Reis, ao fundar uma escola pública voltada para meninas e meninos em uma época de profunda represália à instrução feminina. Como se evidenciou no folheto, a escola gerou polêmica e foi fechada em menos de três anos, o que confirma a repressão social que existia em torno da educação de mulheres. Dessa forma, sensível a essa causa, Maria Firmina tenta mudar a realidade das meninas do povoado de Maçaricó, mas tem seu projeto frustrado pelo machismo e preconceito vigentes. Após relatar as informações da vida de Maria Firmina, o eu lírico finaliza o cordel exaltando a sua representatividade dentro da História e o seu valor simbólico e referencial para outras mulheres negras, convidando o leitor a conhecer mais sobre a autora.

No entanto, me revolta  
O nojento esquecimento  
Pois nem mesmo na escola  
Nem sequer por um momento  
Eu ouvi falar seu nome  
Para o reconhecimento.

Como pode algo assim?  
Se a História ela marcou  
Por que não falamos dela  
Nem do que ela conquistou?  
É terrível a injustiça  
Que a escola maculou (Arraes, 2020, p. 111).

Nas estrofes anteriores, pode-se notar o tom de revolta do eu lírico sobre o apagamento forçado da escritora no âmbito da historiografia e sua consequente invisibilização no espaço escolar, por consequência do racismo estrutural. Almeida (2019) entende que

O racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. [...] a escola reforça todas essas percepções ao apresentar um mundo em que negros e negras não têm muitas contribuições importantes [...] (p. 41-42).

Segundo o autor, as referências que se apresentam aos alunos no espaço escolar são de escritores brancos, reforçando o estigma de que pessoas negras não trouxeram contribuições significativas para os campos do saber. Ainda neste ano de 2023, ao realizamos um experimento com uma turma de Ensino Médio de uma escola pública situada no Sertão da Paraíba<sup>3</sup>, constatamos que essa ausência ainda se constitui um fato, quando perguntarmos aos alunos se em algum momento eles tiveram contato com textos de autoria feminina negra e todos responderam que não. Nesse momento, investigamos se os alunos conheciam alguma das autoras que foram aqui mencionadas – Jarid Arraes, Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis, mas apenas uma aluna demonstrou conhecer Carolina Maria de Jesus, embora nunca tenha lido nada da autora.

A partir da sondagem realizada, verificamos como as produções de mulheres negras ainda são pouco visibilizadas no contexto escolar, embora haja uma Lei (10.639/2003) que orienta a presença da história e da cultura de pessoas negras nos currículos. Na ausência de contato com textos literários que tragam pessoas negras como protagonistas, os alunos não se veem representados dentro da própria literatura.

Dessa forma, acreditamos que a obra *Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis* pode provocar reflexões importantes sobre o apagamento e a invisibilização de mulheres negras na literatura, além de contemplar a Lei n. 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira na escola, trazendo os perfis de mulheres negras que contribuíram em diferentes aspectos para a História do Brasil.

### **Considerações finais**

---

<sup>3</sup> A referida pesquisa faz parte de uma dissertação em andamento que será apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Ao revisitar capítulos da história de nossa literatura, é possível observar que, para poder publicar, as mulheres enfrentaram muitos dilemas, dentre eles, o confinamento doméstico e as imposições restritivas do cânone literário ao seu gênero. Além do demarcante fator gênero, a classe social e a raça se constituíam empecilhos que reduziram ainda mais o acesso das mulheres à escrita. Diante desse cenário desfavorável, algumas mulheres se apresentaram como transgressoras desse palimpsesto forçado e conseguiram publicar, a exemplo de Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus.

Na atualidade, observamos que a produção de autoras como Jarid Arraes tem surgido como uma espécie de resgate das vozes de mulheres negras que a própria historiografia tentou apagar, mas que conseguiram se eternizar por meio da luta pela liberdade e, em alguns casos, pelas obras que produziram, como é o caso das literatas homenageadas na obra *Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis*. Ao analisar esses dois cordéis, “Maria Firmina dos Reis” e “Carolina Maria de Jesus”, presentes na obra, observamos que a autora reconta a história dessas mulheres por um viés de protagonismo e valorização, a partir de um gênero que, pela acessibilidade da linguagem, pode atingir vários leitores e diferentes públicos.

Dessa forma, esperamos que nosso estudo possa contribuir com reflexões que instiguem a pensar sobre o apagamento da escrita de autoria feminina na sociedade brasileira e as representações que surgem na atualidade na tentativa de descentralizar narrativas homogeneizantes e estereotipadas sobre mulheres negras. Em igual medida, almejamos que cordéis como os que analisamos neste trabalho cheguem às escolas e possam contribuir com a formação de leitores críticos e conscientes de seu papel social.

## REFERÊNCIAS

ABREU, M. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Jandaíra, 2023.

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALVES, W. F.; WANDERLEY, N. de A. Folhetos nordestinos vestidos de saia: a escrita da cordelista piauiense Ilza Bezerra. **Jangada: crítica | literatura | arte**, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 6-31, 2023. Disponível em: <https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/view/442>. Acesso em: 17 nov. 2023.

ARRAES, J. **Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis**. São Paulo: Pólen, 2020.

BRANCO, L. C. **O que é escrita feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. Trad. Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020.

DALCASTAGNÈ, R. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo, SP: Horizonte, 2012.

DUARTE, E. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Terceira margem**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 23, p. 113-138, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10953>. Acesso em: 5 dez. 2022.

ESCALEIRA, B. Jarid Arraes: cordel que empodera mulheres. **AzMina**, [s. l.], 26 jan. 2017. Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/jarid-arraes-cordel-que-empodera-mulheres/>. Acesso em: 17 nov. 2023.

EVARISTO, C. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Palmares: Cultura Afro-Brasileira**, Brasília, n. 1, p. 52-57, 2005. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2011/02/revista01.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2023.

EVARISTO, C. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>. Acesso em: 17 nov. 2023.

HAURÉLIO, Marco. **Literatura de cordel: do sertão à sala de aula**. São Paulo: Paulus, 2013.

JESUS, C. M. de. **Antologia pessoal**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

JESUS, C. M. de. **O quarto de despejo**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

JESUS, J. G. de. Resgatar nossa memória. *In*: ARRAES, J. **Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis**. São Paulo: Seguinte, 2020.

NOGUEIRA, A. Revendo criticamente a tradição: uma leitura de cordéis de Jarid Arraes. *In*: LIMA, S. (org.). **No desfolhar dos folhetos: escritos sobre cordel**. Macapá: UNIFAP, 2021.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

REIS, M. F. dos. **Úrsula e outras obras**. Brasília: Câmara dos Deputados: Edições Câmara, 2018.

TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. *In*: PRIORE, M. D. **História das Mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

ZOLIN, L. O. Literatura de autoria feminina. *In*: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (org.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.

*Data de submissão: 24/07/2023*

*Data de aprovação: 16/11/2023*